

## *A importância de ser rinoceronte*

Na Exposição *freighted, 500 years of rhinoceros collection and display* a artista plástica sul-africana Fritha Langerman, da Michaelis School of Fine Art, University of Cape Town, explora na sua prática artística não só a temática colonialista e as suas implicações socioculturais como articula com as instituições que se interessam sobre o relacionamento com o mundo natural e a ameaça de algumas espécies em vias de extinção. A exposição inclui reproduções de imagens, textos e objetos de coleções de museus, jardins zoológicos e arquivos públicos.

Fritha Langerman ao apropriar-se de técnicas científicas e métodos museológicos de exibição nos seus trabalhos artísticos, desafia as ideias e convenções relacionadas com os problemas ambientais e questiona as coleções naturalistas e as suas origens. A Sua obra engloba as fronteiras entre história natural, a ciência e a arte com a representação cultural da natureza.

*Freighted, 500 years of rhinoceros collection and display*, é uma exposição itinerante que já se realizou no Museu Iziko, África do Sul de novembro a dezembro de 2019. Como exposição de arte contemporânea é interessante que seja apresentada num museu de ciência, o que demonstra a diversidade e a grande capacidade da arte em se adaptar a outros paradigmas, criando-se percursos mistos, com duplas temáticas. Como nos diz o estudo *Summative evaluation of the Mark Dion System Metropolis contemporary art exhibition*, realizado por Yvonne Harris Consulting, em 2007 para o Museu de História Natural de Londres sobre a exposição *System Metropolis* do artista plástico Mark Dion, onde conclui que o público vocacionado para a ciência, tem naturalmente maior interesse por exposições sobre ciência, mas já os visitantes que visitaram a exposição de forma intencional, mostraram igualmente interesse pela ciência e pela arte contemporânea. Um museu é um lugar mediático, de comunicação e de discussão.

Esta exposição apela a uma sensibilidade orientada para a problemática da extinção das espécies animais, particularmente do rinoceronte. Segundo Fritha Langerman a exposição apresenta o rinoceronte como um objeto de espectáculo, estudo, moeda e desejo. Começa com a gravura de 1515 do rinoceronte de Dürer, uma cópia precisa de um original ausente, rinoceronte esse que está ligado à nossa História. “20 de Maio de 1515. Junto à Torre de Belém, em Lisboa, desembarca a frota de Cristóvão de Brito, recém-chegada da Índia. Da nau *Nossa Senhora da Ajuda* é descido um ser que desde o tempo do império romano não era visto na Europa. A população da cidade e das redondezas acumula-se junto à linha de água, com grande clamor e confusão, na esperança de ver com os seus próprios olhos tão estranho monstro. O animal, um rinoceronte asiático, fora oferecido pelo Sultão de Cambaia, Modofar II, a uma embaixada do Vice-Rei da Índia Afonso de Albuquerque (...) apenas sobreviveu uma

cópia do documento onde Fernandes relata o que sucedeu com o rinoceronte em Lisboa. Uma outra missiva terá sido enviada por um correspondente português e era acompanhada por um desenho de *ganda*. Essa missiva chegou às mãos de Albrecht Dürer que desenhou, a partir daí, uma gravura sobre madeira que viria a tornar-se a representação clássica do animal. O artista acrescentaria a data de 1515, a designação latina do paquiderme *Rhinocerus* e o seu anagrama (A. D.).” (in: Luís Tirapicos, *O Rinoceronte de Dürer*. Instituto Camões. 2004 2005).

Este projecto expositivo é particularmente oportuno no contexto actual, onde o rinoceronte está ameaçado de extinção, correndo o risco de se metamorfosear numa imagem digital. A exposição inclui uma grande variedade de referências, desde a dissecação do rinoceronte de Versalhes em 1793, à expedição da AMNH em Lang-Chapin Congo e a dizimação de rinocerontes durante a guerra civil angolana. A exposição está confinada numa caixa de madeira do tamanho de um rinoceronte, não contém espécimes reais, apresenta somente o rinoceronte em fragmentos, presentindo-se a sua ausência.

Sofia Marçal